

Goldfajn sai, mas BC nega pressão

economia - Brasil

Bevílaqua, novo diretor de Política Econômica, também é da PUC-RJ e defende juros altos

BRASÍLIA e RIO - Depois de três anos no comando da diretoria de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn anunciou ontem sua saída do cargo. A notícia, antecipada pelo jornalista Cezar Faccioli no *Informe Econômico*, não chegou a surpreender o mercado, mas gerou especulações. O BC mobilizou-se para rechaçar uma possível relação entre a baixa na equipe e a decisão tomada pelo Comitê de Política Monetária (Copom) na quarta-feira de manter a taxa Selic em 26,5%. É o quinto diretor trocado desde a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

— Minha saída é um pedido pessoal para retomar minhas atividades privadas — justificou Goldfajn, que deverá permanecer no BC até julho e que no período de quarentena (quatro meses) pretende desenvolver atividades acadêmicas.

O diretor demissionário elogiou a política adotada pelo presidente Lula e disse que o Brasil está no caminho certo para a retomada de confiança. O indicado pelo ministro da Fazenda, Antônio Paloc-

ci, e pelo presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, para assumir a diretoria no lugar de Goldfajn é o gaúcho Afonso Bevílaqua, doutor em economia pela Universidade da Califórnia, Berkeley (EUA) e professor da PUC do Rio de Janeiro.

O mercado gostou da indicação. Assim como o diretor demissionário, Bevílaqua também teve passagem pela PUC do Rio, o que sinaliza

BC tentou desvincular saída de Ilan da manutenção dos juros

uma continuidade da política econômica atual. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, em março, o economista havia defendido a elevação da taxa básica, em nome do controle da inflação — discurso afinalado com a equipe de Meirelles. Palocci e o presidente do BC aproveitaram ainda para indicar o nome do economista Eduardo Loyo para a Diretoria de Estudos Especiais, que estava vaga.

— Este ruído (*a pressão sobre o BC para a queda dos juros*) não tem nada a ver com minha saída. Já tinha manifestado meu desejo de sair no fim do governo passado. Espero que vocês não concluam que minha decisão profissional, que é de

longo prazo, aliada a outra decisão importante, que é o convite e aceitação de dois respeitados professores, que estão profundamente envolvidos na sua carreira profissional, possa ser definido por questões momentâneas discutidas na mídia — disse Goldfajn.

Meirelles também tentou, ao máximo, desvincular as pressões políticas para a queda dos juros da saída do diretor. Os nomes de Bevílaqua e de Loyo ainda serão encaixados pelo presidente Lula para sabatina no Senado. Goldfajn permanecerá no BC até julho. Segundo Meirelles, o critério de escolha dos novos diretores foi eminentemente técnico.

Além de Goldfajn, pediram demissão do BC este ano Tereza Grossi (Fiscalização), Luiz Fernando Figueiredo (Política Monetária), Edison Bernardes (Administração) e Carlos Eduardo de Freitas (Liquidações).

O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, elogiou as escolhas e afirmou que a idéia é reforçar a área de pesquisas macroeconômicas do governo, para fazer do BC um centro de pesquisa e discussão de alternativas de política monetária.

Os novos diretores

AFONSO BEVILAQUA

Gaúcho de Porto Alegre, Bevílaqua foi indicado para ocupar a diretoria de Política Econômica do BC em substituição ao demissionário Ilan Goldfajn. É doutor em economia pela Universidade da Califórnia, Berkeley (EUA), e professor da PUC do Rio de Janeiro. Foi economista do FMI e nos últimos anos tem trabalhado como consultor do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento, da Cepal e de outras instituições financeiras.

EDUARDO LOYO

Indicado para ocupar a Diretoria de Estudos Especiais do BC, que estava vaga. Pernambucano do Recife, é doutor em economia pela Universidade de Princeton (EUA). É professor visitante da Universidade de Columbia (EUA) e licenciado em Harvard (EUA). Lecionou também no INSEAD (França).

AS CONTAS DO GOVERNO EM 2003

A BALANÇA DO TURISMO BRASILEIRO



US\$ 966 milhões

Foi o déficit em transações correntes em abril, melhor para o mês desde 1994

US\$ 796 milhões

Foi o total de investimentos estrangeiros em abril

R\$ 24,9 bilhões

É o superávit acumulado pelo Tesouro Nacional de janeiro a abril, o que equivale a 4,97% do PIB — acima da meta fixada com o FMI